



Editora
Arara
Azul

COLEÇÃO CULTURA
E DIVERSIDADE

APOIO



COLEÇÃO CULTURA E DIVERSIDADE
ARARA AZUL

DESPERTAR DO
SILÊNCIO

SHIRLEY VILHALVA

Este livro foi escrito por uma professora surda parcial.¹ Os editores e a autora optaram por fazer revisão apenas na grafia e acentuação das palavras, deixando de lado certas convenções gramaticais e literárias, respeitando a forma original do uso da escrita da autora.

¹ São inúmeras as classificações para os graus de surdez, algumas levando em conta a idade, o nível de atenção, etc. Os exames realizados também podem ser “objetivos” (através de equipamentos) ou subjetivos (pressupondo vários encontros entre o paciente e seu avaliador, utilizando diversas técnicas de avaliação). Podemos considerar como uma média razoável os seguintes valores (avaliação para a chamada “Zona da Fala” ou “Zona Conversacional”):

Deficiência Auditiva Leve: Perdas entre 20 e 40 dB

Deficiência Auditiva Moderada: Perdas entre 40 e 60 dB

Deficiência Auditiva Severa: Perdas entre 60 e 80 dB

Deficiência Auditiva Profunda: Perdas acima de 80 dB

Considera-se que um surdo tem Surdez Parcial quando sua perda não é Profunda ou quando, mesmo Profunda, atinge apenas um ouvido.

APRESENTAÇÃO

As primeiras partes desse texto são anotações escritas durante a minha adolescência, são acontecimentos que ficaram registrados em minha memória e que sempre quis entender.

Hoje eu deparo com a evolução da minha escrita, relendo, lembrando e colocando aqui para compartilhar com você.

DESPERTAR DO SILÊNCIO

Shirley Vilhalva

Sabe...

Quantas vezes cheguei perto para falar e não
consegui

Quantas vezes meus olhos falaram e você nem
ligou

Quantas vezes minhas mãos chamaram e você
nem se importou

Minha vontade de contar coisas bonitas ia
morrendo...

Meus olhos iam se apagando...

Minhas mãos iam silenciando...

E eu me sentia só, num mundo que não era meu...

Aos poucos fui nascendo novamente...

Aceitando seu mundo...

E descobrindo nele coisas maravilhosas:

A existência do som, da palavra, das cores...

Só não consegui identificar a sua voz...

Aprendi que as folhas falam quando o vento sopra...
Aprendi que a água canta quando cai...
Sozinha, nunca liguei o ruído à fonte sonora,
Só descobri tudo isso quando alguém me contou...
Que maravilha!

Mas...

Sinto muito por quem:

- nunca teve tempo...
 - nunca olhou para uma criança para ver algo diferente...
 - não percebe que ela precisa:
 - da sua atenção,
 - da sua palavra,
 - da sua compreensão
- e do seu AMOR.

SUMÁRIO

Foi Assim que Começou...	8
Imagens Vivas	11
Diferente... Onde?	15
Momentos Nobres	19
Na Escola	21
Leitura de Palavras Faladas ou Orofaciais	24
Aparelho Auditivo	27
Significados	29
Sonho	32
São Paulo	35
Língua de Sinais	37
Faculdade	39
Índio, agenda e um bebê	44
Ainda não sei falar mas uma história eu vou contar	51
Ser mãe	53
CEADA	57
O que eu quero dizer...	62
Prêmio Educação 2000	64
Cronologia	66
Hoje vim descobrir	69
Agradecimentos	71

FOI ASSIM QUE COMEÇOU...

Em uma pequena casa com dois quartos que ficava nos fundos de um armazém, ainda recordei que aproximadamente no ano de 1968 dividia-se com um salão de beleza, uma mulher que ora estava atrás de um balcão, ora estava mexendo com cabelo de alguém, tudo parecia tão natural, esta pessoa aparecer e sumir sem explicações, como? Era uma pergunta constante, eu não conseguia entender o que se passava naquela época. Uma nova manhã já estava surgindo, o sol estava brilhando e uma mulher chegou perto da Shirley com lágrimas nos olhos e disse:

– Seu pai vai embora!

Shirley não entendeu nada do que foi dito, aos poucos foi entendendo, até mesmo descobriu que o nome de sua mãe é Albina, e, essa mulher é a sua mãe.

Quando um homem apareceu perto do saco de arroz e olhava para Shirley e para sua mãe, aos poucos com os gestos indicavam que aquele ho-

mem era seu pai, como eu poderia saber se eu não sei o que é um “pai”, assim entendi no meio da repetição pai Dario. Aos poucos fui aprendendo que morávamos próximo ao aeroporto e quando passava um avião minha mãe falava e apontava:

– Shirley, olha lá o seu pai!

Realmente eu não fazia ligação com aquele que eu conhecia em casa que era o tal de pai que se estava sendo referido com o avião. Nesta casa tinha muitas pessoas inclusive minha avó paterna, como ela era conhecida, Lola, uma casa do lado, muitas árvores e animais domésticos como galinhas, patos, papagaio e cachorros. Ainda me recordo do pequeno cemitério no quintal, onde estava duas cruzes e que mais tarde entendi que ali jaziam meus irmãos recém-nascidos.

Aprendia sempre observando, gostava muito de ver minha mãe fazer bolo e logo liguei que aquele bolo era feito de ovo, e como estava resolvida fazer um bolo também, animada fui até o galinheiro, onde tinha um arame farpado para proteger o ninho, coloquei a mão onde estava uma galinha chocando e com suas picadas em meu braço esquerdo ao tirar enroscou no arame eu só vi um corte aberto e assim fui entender que não podia ter colocado a mão ali, em pensamento a cena retornou em minha mente e eu pensei então foi isso que a boca de minha mãe estava explicando, que eu não se deve mexer no ninho com uma galinha chocando. Certo dia tudo escureceu e eu não sei explicar se fiquei doente ou que foi, lembro apenas que tomava muita água morna e hoje sei que deveria ser chá para amenizar a febre alta. Os meus olhos conseguiam registrar muitas coisas mesmo sem elaboração ou mesmo não sabia com utilizar tantas coisas que via.

Certa vez as coisas aconteceram tão de repente que não consegui acompanhar como isso aconteceu, numa tarde quan-

do vi estava com minha mãe deitada em uma cama não em minha casa e o “papai” que apareceu de repente sentado em uma cadeira, não senti medo, era um sentimento diferente, eu nunca sabia o que estava acontecendo, lembro apenas que segurava na mão de meu pai para que ele não partisse, logo vi uma criança chegando sem entender o que ocorria, mamãe me disse que era meu irmão, o que é irmão? Tudo foi acontecendo cada cena que passava ficava gravada em meu cérebro, que no momento não fazia que eu recordasse ou ligasse os fatos passados ou presente. O que passava dentro de minha cabeça que o mais importante é o que está acontecendo, o que acontecerá precisará acontecer para eu poder entender. Fui apresentada para aquele bebê e ele para mim, fiquei olhando e minha mãe disse muitas palavras que eu não entendi e repetiu o nome dele é Dario e apontou para o bebê, piorou meu entendimento, Dario, Dario será que todos chamam Dario?

IMAGENS VIVAS

Passado muito tempo ainda faz parte de minha recordação que um dia com meus queridos pais fui em uma casa estranha, ali havia pessoas com roupas brancas, de repente percebi que uma pessoa entrava e outra saía, logo chegou minha vez, mamãe me deixou só e uma mulher me olhava, me fitava e quando vi se levantou, andou e pegou uma caixa e foi abrindo, abaixando me mostrou vários objetos, mamãe apareceu novamente e partimos dali.

Essa imagem nunca saiu de minha cabeça, sempre busquei internamente o porquê fui naquela casa e quem eram aquelas pessoas. Com as mudanças que estavam ocorrendo, passei a ter mais presente uma outra mulher, que fui aos poucos entendendo que ela era a minha avó materna, Júlia era o movimento que saía repetitivamente das bocas das pessoas. Eu não tinha percebido que minha mãe tinha sumido por muito tempo.

A casa de minha avó era diferente das outras casas que eu conhecia, ficava sobre umas madei-

ras grossas parecendo um suporte ou pé de cadeira, e seu piso vibrava todas as vezes que uma pessoa andava. Como era toda de tábua ficava uma fenda entre as madeiras, ali eu brincava quando eu estava em baixo da casa eu olhava o que se passava dentro de casa e quando eu estava dentro eu ficava observando o que passava no chão. Os dias que eu mais gostava era quando chovia, eu passava horas contemplando a correnteza da água passar rapidamente, no chão e sentido um forte cheiro de terra. Quantas coisas só eu sabia, tudo ficava cada vez mais complexo de entender o que acontecia ao meu redor.

Minha avó Júlia e meu tio Nildo moravam ali naquela casa tão diferente das outras, fazendo me lembrar que como eram altas as janelas e quando eu conseguia olhava um monte de outras casas e uma coisa comprida que nem uma centopéia que mais tarde fui entender que era trem do Pantanal que ali passava indo para Corumbá.

De cada recordação presente uma foi marcante, certo dia estava brincando na casa da frente e de repente meu tio pegou em meu ombro, olhou para mim e acenou que era para fazer barulho, isto é continuar batendo um bife, na hora eu não entendi o porquê, só lembro que comecei a bater sem saber como segurar a faca e logo cortei o dedo, nunca esqueço essa cena por ter até hoje essa marca no dedo médio na mão esquerda. Foi tão engraçado naquele momento, com um pouco de medo, não sabia como dizer para minha avó, eu não sabia me expressar oralmente de forma clara apenas sinalizava e soltava algumas palavras, eu precisava me comunicar.

Primeiro fiquei pensando que ela não poderia saber que fui na vizinha porque para ir até lá teria que atravessar a rua e segundo não sabia explicar o pedido de meu tio que também de repente apareceu por lá, não poderia traí-lo, pois seu pedi-

do foi sinalizado com seu dedo dizendo silêncio ou seja não fale nada para ninguém, sorrindo ele sumiu.

Então de repente, lembrei que tinha visto alguém cortar o dedo com uma lata e assim procurei uma lata velha na rua, e com esta na mão, inventei para minha avó que tinha cortado o dedo, logo ela me fez um curativo de pó de café.

Eu pensava que as pessoas jogavam as latas velhas na rua para fazer de asfalto depois que o carro passasse por cima.

Cada dia que passava mais cenas entravam em minha cabeça, certo dia uma jovem sorridente apareceu e minha avó fala apontando: Shirley, olhe para ela, dê um abraço nela, ela é sua mãe. Eu pensei comigo: “MÃE”, que coisa mais estranha, mãe não estava nas palavras que saía das bocas das pessoas com quem eu estava convivendo, isso estava na minha caixa de esquecimento, não aceitei com facilidade e minha avó insistindo que eu deveria chamá-la de mãe, tudo que fiz foi segurar em suas mãos para lá e para cá, entre umas compras e outras situações que estava acontecendo. Como o tempo passou estava muito rápido e eu continuava sem entender o que se passava, eu não conseguia expor meu pensamento, muitas imagens ocorrem internamente, parecendo que tudo que vejo, fotografo e depois fica guardado dentro de uma caixa na cabeça e não tem para onde ir, não tem como sair, eu não sabia como expor por não ter um canal de comunicação com o mundo durante minha idade de três, quatro anos.

Ao passar do tempo, fui crescendo e mudamos de bairro, em outra casa de madeira que tinha um *bolicho* na frente, assim eram chamadas as mercearias na época. Um papagaio fazia parte da família, eu ficava intrigada e imaginando por que todos falavam mais com o papagaio do que comigo, neste período começaram as dúvidas e mais dúvidas, sem imaginar que eu

podia ser diferente, não me lembro se sabia os nomes das pessoas, demorei muito para entender que eu, as pessoas, as coisas tinham nomes. Todas informações que eu recebia dependiam de meus olhos, eu olhava e depois ficava observando o que acontecia e o que poderia acontecer, sem muita preocupação com as outras crianças ou adultos que estavam à minha volta. Crescendo por dentro e por fora, fui entendendo melhor o mundo e essa formação de mundo era feita visualmente, como se a caixinha que tinha dentro de minha cabeça estava ficando cheia, pois tudo que olhava era como se eu tirasse uma fotografia e ia guardando, assim ficava por muito tempo guardada as imagens paradas. Várias vezes me encontrei balbuciando ou falando ou mesmo gritando, pensava que estava falando como um pessoa ouvinte e logo descobri que não era verdade, o que eu imaginei ter dito não chegou a ser compreendido e muito menos ouvido por alguém e que quando as pessoas diziam algo para mim eu verificava que não estava compreendendo.

Cada descoberta sempre leva tempo, lembrando como fosse um filme mudo ou sem seqüência, projeção do que outra pessoa vai fazer, tudo precisava ser muito bem explicado e informado para que eu pudesse entender o que foi dito, elaborar e colocar de forma de dar certa importância ou fazer ligação com as coisas cotidianas, mesmo na simplicidade de entender como e por que os ouvintes faziam e viviam. Eu tinha necessidade que me explicasse o mais simples detalhes da vida, como ela é e o porquê dela ser. Isso não ocorre quando se tem um “código umbilical”, as duas pessoas envolvidas não conseguem ver ou sentir que a surdez existente, apenas elas são testemunhas da existência de uma comunicação, olhos e olhos, mente e mente, não há necessidade de falar e sim de agir.

DIFERENTE...ONDE?

Sou filha de pais ouvintes, sendo que do lado paterno tenho primos surdos, o que me leva acreditar que minha surdez é hereditária.

Consigo receber informações não muito claras através da leitura de palavras faladas, a conhecida leitura labial, que aprendi aos poucos. Conforme meu crescimento e minha aprendizagem das coisas existentes, avalio a falta de comunicação existente anteriormente entre eu e as outras pessoas. Se as pessoas comigo falavam eu não as percebia e quando percebia eu não as entendia. Aos poucos fui conhecendo o bairro onde morava, livre na rua, gostava de lanche na escola que tinha perto de minha residência, lembro-me tão bem que lá serviam o lanche em uma cumbuca azul escolar, deliciosas sopas e outros lanches como farofa, tabule e arroz doce. O que mais me chamava atenção era quando as pessoas falavam (abrindo e fechando a boca), principalmente os professores da escola, pelo que observei na oportunidade de ficar na porta

que sempre desenhavam algo também colocavam o nome do objeto ensinado do lado. Exemplos, o professor desenhava uma bola e escrevia bola, eu não ouvia mas prestava atenção quando ele falava, assim fiz minha primeira descoberta que o desenho exposto tinha nome e aquela escrita seria o nome e era isso que saía da boca do professor, sendo assim o que as pessoas falam tem um desenho ou seja uma imagem, como eu não tinha as imagem das palavras então por isso eu não as entendia e nunca tinha resposta para as perguntas, mesmo que fosse a mais simples possível. Tudo que me perguntavam eu queria modelo para depois eu poder responder.

Quando criança eu não sabia que era surda (parcial) por que era difícil alguém conversar comigo, se conversavam eu não ouvia mesmo, ninguém nunca me chamou atenção para eu saber se eu deveria ouvir ou não. Em casa, meus familiares pouco conversavam, mas quando eles falavam de frente apontando o que eles queriam eu os entendia.

Com muitas pessoas eu tinha dificuldade de comunicar, eu sempre procurava evitar pessoas estranhas, eu sempre tinha medo e me sentia insegura de ter descoberto a existência da comunicação.

A segunda descoberta foi um fato interessante, descobri que eu era diferente das demais crianças, isso aconteceu durante uma brincadeira de *pau-a-pique* (se é que existe essa brincadeira). Todas crianças ficavam de um lado da outra e uma determinada pessoa gritava: “Já”, todos corriam e batiam em um local escolhido e voltavam correndo e para minha surpresa eu fiquei parada no mesmo lugar, levei um susto e pensei:

– O que aconteceu?

– Por que eles correram e por que eu fiquei?

Tudo isso passava de forma de um filme dentro de minha cabeça, senti em meu corpo algo estranho e comecei a procurar a diferença. Onde ela estava?

Olhei para meu corpo dos pés a cabeça, procurava olhar as pessoas também dos pés a cabeça e nada encontrei de diferente.

Meu olhos fixaram de repente numa cena, onde um professor estava conversando com um aluno, eu parei, observei algo que sabia que comigo não acontecia, quando uma pessoa fala ela abre e fecha a boca e a outra pessoa fica de boca fechada e quando essa acabar de falar a outra abre a boca, que maravilhosa, mesmo assim queria saber por que comigo não acontecia isso.

Aos quatro ou cinco anos de idade aproximadamente mudei para outro bairro e tive oportunidade de ter uma vizinha que gostava de brincar de escolinha, considerava uma brincadeira, pois não sei qual era o acordo, no período que me ensinava as palavras confesso que não sabia o seu nome, hoje sei que Maria.

Maria me ensinava palavras através de figuras, recordo que em uma cadeira de madeira que se transformara em mesa e uma lata de tinta que virava banquinho, eu passava horas aprendendo palavras e mais palavras. No início foi difícil distingui-las. Em certos momentos que eu aprendia uma palavra eu nomeava os demais objetos com essa mesma palavra.

Um fato interessante foi quando eu aprendi a palavra “HOMEM” e fui beber água, ao chegar perto do pote de barro, eu vi uma cobra cega e logo gritei: HOMEM... HOMEM... olhando para cobra. Minha avó Júlia que se encontrava em casa, correu e como eu continuava gritando “HOMEM”, ela pegou uma vassoura e procurou um homem, ela não viu

que eu apontava para cobra e a mesma insistiu procurando por um homem, logo eu peguei em seu braço e apontei para a cobra como “HOMEM”. Ela matou a cobra e começou a rir, eu ficando sem entender ela me disse:

– Filha não é HOMEM, isto é uma COBRA e eu continuava falando que nem um papagaio “homem” e ao passar do tempo fui entender que era cobra e não homem, como também entendi que cada pessoa e objeto tem nome, o difícil foi usar tantas palavras que tinha aprendido a falar com a boca e fazer uso destas no dia-a-dia.

MOMENTOS NOBRES

Minha mãe Albina sempre foi uma pessoa muito importante em minha casa, era ela que trabalhava fora, saía de madrugada e voltava à noite, quando tinha oportunidade contava que seu serviço era muito longe e levava horas para chegar no local. Quando estava em casa procurava estar sempre ocupada ou lendo, uma pessoa de pouca conversa e que juntamente com minha avó Júlia criou muitos sobrinhos e até mesmo filhos de amigos que ali em casa eram deixados.

Ângela, uma prima-irmã, irmã de leite, irmã de idade, irmã de comunicação, ela era meus ouvidos, como morávamos juntas, ela servia para meu entendimento comunicativo com as outras pessoas, por vinte e quatro horas que estávamos juntas, tudo que as pessoas falavam ela repetia para eu entender, chegando a ter uma ligação muito forte e tinha momentos que eu até conseguia ler seus olhos e suas expressões de concordar com algo ou não, um aviso que estávamos em perigo ou em

momento propício para uma brincadeira. Ela não precisava abrir a boca para dizer algo, suas expressões diziam tudo e sempre que ela estava perto eu me sentia mais segura, pois eu entendia que as demais pessoas falavam através dela. E até mesmo durante anos escolares estivemos juntas.

Recordo também das minhas amigas Meire e Kátia Komiyama, que me incluíam nas brincadeiras com os demais colegas da vizinhança.

Meus irmãos Dario e Nilton tão pequenos, eu me recordo que fui má com eles, eu não os entendia, eles não se comunicavam comigo, eu sentia que eles me evitavam, Ângela tentava me mostrar que não era certo a forma que eu agia, por mais que ela me explicava que eles eram pequenos e não entendia, eu ficava muitas vezes impaciente e ignorando seus conselhos. Fui crescendo perto deles na brincadeira e longe na comunicação. Conforme fui crescendo fui entendendo que eles faziam parte da família e eram importantes para minha pessoa e quem sabe um dia ainda nos conheceremos dialogicamente.

NA ESCOLA

As imagens escolares vividas pelas outras crianças um dia foi realidade para minha pessoa, a minha primeira escola foi a Escola Municipal Padre José de Anchieta, minha avó avisou a professora para que ela deixasse eu sentar na primeira carteira por que eu não ouvia direito, na verdade eu não ouvia nada apenas lia as palavras que as pessoas diziam, lendo os lábios, a expressão do rosto e das mãos fazendo mímica representativa ou indicativa, usando exageradamente a intuição e vivia mais na dúvida do que na certeza.

Sempre preferi sentar no meio da sala para ver a professora por inteiro e pedia para ela não andar muito na sala. Se eu sentasse na primeira carteira as coisas ficavam mais difícil, pois sempre em vez de ver a professora por inteira só via a barriga dela e onde era confuso de se fazer entender o que ela estava falando ou ensinando. Nem sempre o que os ouvintes acham que é bom para o surdos realmente é, sentar na primeira carteira dificulta

mais do que ajuda quando referimos a questão auditiva com perda severa e profunda.

Na primeira série fui para uma sala diferente da de Ângela e eu tive que buscar outros recursos. Perdi muito a nível de comunicação com a nossa separação durante alguns anos escolares. Pois cheguei na escola estavam com sete anos e falava apenas comigo mesma e não com os outros. Tive que aprender a me comunicar com a professora e tudo que eu não entendia pedia para ela me explicar em outras palavras, quase todas as palavras que ela apresentava continuavam sem imagem, sendo assim não conseguia entender o que a mesma dava referência. Por exemplo, eu até podia saber o nome de um objeto mas não fazia relação ao seu significado real e nem sabia a sua utilidade.

Na escola sempre a professora brincava como se tivesse avaliando a visão e a audição dos alunos e numa dessas brincadeiras eu me dei conta que eu não ouvia barulhos e sim sentia as vibrações, não sabia discriminar e nem saber de onde vinha o som, um exemplo que lembro era de um motor de carro ligado (eu escutava por que o ruído estava alto), mas não sabia que era carro que fazia aquele barulho. Eu não sabia diferenciar se era carro ou moto, ou uma panela que caía ou um copo que quebrava. Muitas vezes meus colegas não me aceitavam porque tinham receio que a surdez pegasse como uma doença contagiosa, eles tinham medo de falar comigo, achando que eu não iria entender, sempre que estava na fila por ordem de chegada, às vezes a primeira por morar próxima à escola, eles me puxavam pelos meus longos cabelos negros que sempre estavam trançados como uma índia, me arrastavam e colocavam como última da fila, sem entender muito bem eu aceitava as imposições.

Nessa fase dentro de minha pessoa eu tinha um desejo de estar numa escola onde as pessoas fossem surdas iguais a mim, pois sentia que não havia comunicação entre eu e os meus colegas, pois a maioria era ouvinte e não sabia comunicar comigo, sentia-me isolada.

Aos poucos fui fazendo algumas amizades e logo fiz um círculo de colegas, que me ajudava muito na sala de aula, entre elas Eulália e Soraya, que estudamos juntas desde a primeira a quarta série, como eu não fazia ditado uma delas sempre preparava e depois passava para eu copiar de seu caderno, na hora da leitura era difícil, as palavras não saíam claramente e eu sempre ficava nervosa na hora da leitura, sentia todos aqueles olhos de meus colegas fixos em minha pessoa, sentia-me horrível, alguns alunos antes mesmo antes de eu começar a ler algumas palavras que tinha treinado no dia anterior, ou estavam com um sorriso irônico ou com uma cara de pena. Eu não olhava para ninguém, o que queria era sumir daquele lugar. Tudo que a professora explicava eu não entendia e uma das duas colegas me explicava tudo novamente até eu entender, iam falando no sentido concreto das palavras ou com apoio de alguns sinais ou até mesmo usavam mímicas para minha melhor compreensão.

O que mais gostava era o esporte porque não precisava da comunicação oral e sim corporal, participava muito de teatro, onde me realizava encenando sem precisar falar. A insegurança acadêmica no Ensino Fundamental foi muito marcante, por aprender a ser copista sem saber o significado da língua escrita...

LEITURA DE PALAVRAS FALADAS OU OROFACIAIS

Muitas vezes quando eu falava com alguma pessoa elas perguntavam porque eu falo diferente, se eu tinha língua pregada ou não, ou mesmo de que país eu era, sempre procurei explicar que sou surda e me comunico com as pessoas fazendo leitura de palavras faladas ou a conhecida leitura labial ou orofacial.

Tinha algumas pessoas que até fechavam a boca e depois de alguns minutos eu pedia para que ela continuasse falando ou concluir o que havia me perguntado.

Ela me respondia:

– Você não disse que lia os lábios, então leia os meus.

Sempre tive paciência e começava a explicar:

– Uma criança, ela própria não sabe que é surda, que é diferente, pelo menos até certa idade, ela vive naturalmente com as outras crianças. Com o decorrer do tempo, ela passa a perceber através dos movimentos dos lábios e das expressões que

existe uma comunicação, que ela é diferente e não faz uso destes mesmos movimentos para se comunicar.

Essa primeira “consciência” de diferenciação pode ser dolorosa, fazendo que a criança se retraia em sua socialização. Aos poucos ela nota que a face é a fonte luminosa de comunicação, em toda as suas expressões. Seus olhos então procuram sempre “ouvir” pela expressão como as pessoas estão se comunicando ou se expressando. Através dos movimentos dos lábios e as expressões que ela elabora uma leitura, em princípio instintiva, de palavras-chave que lhe fornecem, embora de forma vaga, pistas para compreensão dos assuntos que estão sendo discutidos, ou o que se espera dela. Essa atitude de crianças surdas é que às vezes confunde os pais. Muitos dizem:

– Meu filho não é surdo, eu falo e ele me obedece.

E o que na realidade acontece é que sua percepção é muito aguçada pelo processo de compensação, e mesmo pelo hábito familiar, faz com que ele “leia” as intenções e as conversas das pessoas que o cercam. Porém em contato com as demais crianças e pessoas, isto se torna mais difícil de ocorrer, embora procure ler os lábios, os códigos são diferentes.

O processo de elaboração mental de leitura também não segue os passos normais de leitura, ou seja de gramática. O conceito de princípio, meio e fim, não acontece com o surdo como é normal com uma criança ouvinte. Sua necessidade vai direto ao fim, ou ao meio e muito depois ao princípio do que se é falado. Daí sua dificuldade, mesmo que seja alfabetizado, de elaborar um texto ou interpretar uma história. Sendo que o processo de percepção visual através da leitura de palavras faladas é mais lento para elaboração de um pensamento ou resposta a uma pergunta. Exemplo quando uma pessoa fala:

– Bom dia! Como vai você? Tudo bem?, e continua falando... o surdo quando estiver lendo os lábios – “Bom dia!”, como vai..., até ser estruturado o pensamento e compreender a mensagem, já perdeu o resto da frase, e quando este volta ler novamente defrontá-se com palavras soltas, levando assim a tentar adivinhar as palavras desconhecidas num contexto geral. Depois indaga ao falante para certificar-se da sua compreensão. O movimento labial, as expressões faciais aliados aos movimentos naturais do corpo e das mãos facilitam bastante a interpretação, interagindo assim a presença da comunicação. Buscando sempre mostrar que existe diferença entre surdos e deficientes auditivos para que os familiares e profissionais não entrem em conflitos. Os surdos quando usuário da Língua de Sinais sente necessidade de um conforto lingüístico na cultura visual-motora, enquanto a necessidade dos deficientes auditivos é oral-auditiva, não generalizando, pois hoje encontramos deficientes auditivos e surdos parciais encontrando sua identidade na comunidade surda usuária da Língua de Sinais.

APARELHO AUDITIVO

Estava com doze anos de idade e não sabia a existência de aparelho amplificador sonoro, até conhecer um senhor que tinha um e me falou que ele ouvia bem com o aparelho e eu disse se ele podia falar para o amigo dele que vendia vir na minha casa, não sabia se ele tinha compreendido o que eu falei.

Certo dia um representante veio em minha casa e colocou um aparelho para teste, foi maravilhoso, fiz uma descoberta incrível apesar do susto, pois eu nunca tinha ouvido os sons baixos, comecei a ouvir o vento, a chuva, os passos das pessoas, os sons da natureza, barulhos, ruídos existentes, antes desconhecidos para mim. Alguns momentos depois eu pedi que ele tirasse imediatamente pois era muito barulhento e ele me explicou que eram sons novos para mim.

Eu fiquei com o aparelho durante quinze dias para experiência e assim aprendi muitas coisas como: as folhas faziam barulho quando tinha ven-

to, que quando andamos nossos passos fazem ruídos, a torneira aberta faz barulho, enfim tive oportunidade de apreender os sons das coisas com as pessoas me explicando. Era tão engraçado que depois eu sempre ria sozinha, liguei ao fato de que era por isso que quando minha mãe pedia para voltar no banheiro para fechar a torneira que deixei aberta, então era assim que ela ouvia, a diferença era que para eu ouvir eu tinha que estar no local e ela em qualquer lugar da casa, ela sabia através da audição o que estava fazendo e ou acontecendo comigo e meus irmãos.

Não usei o aparelho, não me adaptei e também sentia vergonha de usar pois as pessoas debochavam demais e faziam brincadeiras que ofendia. Voltei a usar aparelho com vinte anos, recebi muito apoio e acompanhamento para adaptação do segundo aparelho.

Nessa fase aproveitei mais por saber qual era o meu objetivo do uso que faria do aparelho auditivo.

SIGNIFICADOS

Significados dos sentimentos, das coisas, das pessoas, das palavras e das ações eram muito difíceis para ser entendidos. Muitos fatos e pouco entendimento do que estava acontecendo tornavam meus dias mais longos ao que refiro em colocar em ordem meus pensamentos.

Sentimento de felicidade era o mais presente, sempre sorrindo e agradecendo as maravilhas que existiam ao meu redor apenas vendo e fazendo a formação do mundo pelos olhos, o que mais tarde fui descobrir que os sofrimentos das pessoas chegavam pela audição.

Algumas comparações guardei. As pessoas ouvem o que querem e o que não querem. Que os ouvidos são bons, só que ao mesmo tempo você não consegue desligar quando precisa. Um exemplo disso, sempre lembro que quando uma jovem mulher fica grávida, sua mãe fala de praxe que agora ela vai saber o que é ser mãe, que vai sentir as dores de ser mãe, a jovem ainda nos primeiros meses,

já curte o medo com as dores mais terríveis, imagine as dores que sentira no momento do parto e isso as vezes não acontece com a jovem mãe surda pois na maioria das vezes sua mãe não tem comunicação e deixando tudo mais natural, o mesmo acontece com a ida ao dentista para os ouvintes só de falar a palavra dentista lembra do barulho do motor e começa a sentir medo e ou dor, com o surdo muitas vezes ele até sente a dor, dependendo do nível de comunicação ele não expõe a dor, sentirá apenas no momento que estiver na cadeira do dentista.

Tudo tem um significado, muitas vezes não tem a mesma ligação entre palavras e sentimento referente a tal palavra, lembro me que quando comecei a namorar em casa, meu namorado todo apaixonado com flores e bombons me falou: “Eu te amo” e eu olhei bem para ele e disse, o que, o que é isso? O que é eu te amo? Ele olhou meio assustado e me abraçou forte e eu pensei por muito tempo, o que será isto, “Eu te amo”, uma palavra nova que não tinha nada a ver comigo, fui buscar informações sobre essa palavra e acabei descobrindo que o que eu sentia tinha nome e não sabia como era os nomes dos sentimentos a não ser saudades porque essa palavra estar mais na boca das pessoas e nas leituras que eu fazia.

Algo que me deixava agressiva e nervosa era quando eu procurava falar com uma pessoa e ela pedia para deixar para depois acenado com a mão bruscamente, além de não deixar eu terminar de falar não dava atenção necessária. Isso acontece muito nas casas onde tem filho surdo. Sempre que chegam perto de seus pais eles pedem para esperar. E isso nos faz sentir abandonados e sempre com a idéia: “de que adianta falar com eles se eles nem ligam para mim?”

Outra coisa que acontece, é quando uma pessoa pergunta algo e parece que a gente não entendeu, mas não é isso, na

verdade é que demora para elaborar e entender a pergunta ou frase para depois respondê-la. Sendo que muitas vezes entendo a pergunta diferente da realidade, com significado diferente, isso se deve ao meu vocabulário que se faz de palavras e frases com linguagem filtrada, clara, objetiva e concreta no sentido de ter conhecimento de causa do que se está sendo o assunto ou seja com palavras simples ou populares. Procuro ser calma, mas a insegurança é sempre um problema.

Quando alguém fala eu não entendo, fico muito nervosa e não consigo ler os lábios, nem a repetição, e preciso que as pessoas esperem a resposta, porque a pergunta está sendo reformulada na mente. Às vezes tenho que colocar as palavras que entendo de duas ou mais formas para através de até mesmo do uso da intuição, para saber qual é a mais parecida com a expressão da pessoa com quem estou me comunicando e chegar numa conclusão de que ela está falando.

Procurando melhorar, sempre peço a todos que tenham paciência e procurem entender que a falta de audição tudo muda, o que em um segundo sua audição capta, para a visão é mais lento em comparação ao processo de comunicação. Não digo isso quando refiro a Língua de Sinais pois esta traz conforto lingüístico e tem a mesma velocidade de entendimento da língua oral-auditiva.

SONHO

Terminei o ginásio e comecei o magistério, meu sonho era ser professora de surdos, de pessoas iguais a minha pessoa, sempre procurei um lugar onde poderia me sentir que era uma pessoa que existia e pensava. Sentia que tinha vocação para ser professora. Minhas colegas me ajudaram muito, meus professores tinham mais dúvidas e expressavam uma insegurança de não saber em que acreditar, aos poucos foram entendendo e procurando me ajudar.

Tive oportunidade de ter um padrasto maravilhoso, ele demonstrava que se preocupava muito com minha mãe, meus irmãos e também comigo. Quando o conheci eu não conseguia me comunicar porque ele usava bigode, então ele sempre escrevia o que queria falar comigo, essa fase foi uma das melhores me trouxe segurança e mais certeza de minha existência.

Levei muito tempo para saber seu nome, fiquei encucada como ele pode ser Almir e minha

mãe Albina, o tempo foi passando e ele continuava se comunicando com a escrita e me ensinando o prazer de ler livros e mais livros. Cada livro que ele trazia ele me explicava o conteúdo para eu ter uma noção do que estava lendo, depois que eu terminava de ler ele perguntava o que tinha entendido, simplesmente eu respondia o que ele tinha me explicado, não colocava e nem tirava nenhuma palavra, sendo assim sua proposta era que eu lesse de novo e ir marcando as palavras que não entendia, era mais fácil marcar as quais eu entendia do que as que não entendia, pois o livro inteiro era marcado. Passava noites e mais noites lendo e às vezes chorava muito por não entender uma simples frase.

O que eu não entendia ele escrevia e assim com o tempo e meu esforço eu fui lendo melhor, comecei interpretar textos e fazer algumas atividades sozinha. Seus conselhos era todos escritos e muito otimistas, sempre me mostrava que eu poderia ser alguém que sonhasse ser, que eu poderia conseguir o que quisesse na vida, que eu poderia emocionar as pessoas mais tarde com que eu almejasse.

Certo dia minha mãe me chamou e disse:

– Shirley nós iremos viajar para São Paulo.

Eu perguntei:

– Nós quem?

Ela respondeu:

– Seu Almir, mãe Albina e você Shirley.

Eu fiquei pensando muitas coisas e muitas perguntas surgiram, onde será que é São Paulo, para que ir lá e os porquês iam aumentando.

Em São Paulo descobri que fui em mais um médico, eu já estava cansada de ir ao médico para eles verem meus ouvidos, sempre, sempre indo ao médico e depois ver minha mãe e mi-

nha avó chorando, eu não gostava de ir ao médico era muito triste para depois ficar vendo as pessoas com quem eu vivia chorar. Desta vez meu padrasto me explicou que seria a última vez, e eu fiz todos os exames e o resultado foi surdez neurosensorial severa bilateral e que poderia operar, como poderia também ganhar alguns decibéis como poderia perder o que tinha. A opção foi continuar com que tinha e cuidar de minhas alergias que poderiam afetar meu sistema nervoso.

Voltamos para casa e ao chegar começou aquela choradeira de novo, e eu mais uma vez sem entender por que todos tinham que chorar, Ângela tentava me explicar que as pessoas estavam tristes porque eu não poderia ouvir como uma pessoa ouvinte. Foi muito difícil para eu entender o que acontecia com eles.

Quando voltei de São Paulo, pensei muito no que vi, não contei para ninguém e como tinha aprendido com meu padrasto a importância de registrar o que passa conosco eu registrei algo que hoje acho muito interessante a forma que eu escrevia, era uma forma de conversar com alguém, era um jeito de fazer uma organização mental e colocar no papel o jeito que eu via o mundo. Quero compartilhar este texto retirado de meu diário escrito em dezenove de março de um mil novecentos e oitenta quando estava na oitava série.

SÃO PAULO

Uma cidade grande que a luz não aparece.

Os movimentos dos carros, ônibus, motos,
tudo correndo, sem parar.

Não tem felicidade, um Mato Grosso indo
para lá.

Sua diferença e muito, em M.T.S tem paz e
tranqüilidade, São Paulo só correria.

O que tem?

É uma cidade de fábrica, cheia de fumaça,
nem ar você não sente.

Cadê as árvores?

Você vê muito pouco.

Não tem natureza, nem uma flor para nós
admirar.

Só fumaça, só fumaça sem parar.

Nos rios os peixes ficam cegos, as suas águas
estão sujas só tem poluição.

Não tem mensagem de natureza.

Cidade acabada, sem conforto, sem amigos,
sem ninguém...

São Paulo, não quer onde você quer ir, nem morar você não aceita.

Agora mesmo que não aceita nada de bom.

O melhor ficar na minha terra mato-grossense.

São Paulo não é mais o que imaginamos.

Felicidade e o dinheiro.

• • •

Com o passar dos anos fui me aprimorando cada vez mais no prazer da leitura e descobrindo que na língua escrita eu era igual as outras pessoas.

Sempre fui atenciosa com os meus colegas para que eles não rissem de mim, porém riam por eu não falar direito, achavam engraçado meu jeito de falar que nem estrangeira no país. Muitos me perguntavam de que país eu era. Lembro que eles sempre diziam para mim:

– Para que eu falar com você se você não entende nada?

Lembro também que já era rotina quando meus parentes iam em casa, eles sempre falavam para minha mãe ou minha avó:

– Não sei para que ela estuda se é surda, coitadinha da professora vai perder tempo.

O investimento que minha família fazia em pagar professora particular como apoio pedagógico que não era oferecido pelo Estado ou município na época que necessitei!

Sinto-me feliz e realizada por que minha família não se deixou levar pelos comentários que os outros faziam e me apoiando e acreditando em minha pessoa para eu progredir em meus estudos.

LÍNGUA DE SINAIS

Eu tive um renascer ao estar na comunidade surda, aquele sentimento de estar só no mundo acabou e o medo das pessoas foi diminuindo e assim através da Língua de Sinais eu comecei a entender os significados dos sentimentos, das coisas, das pessoas, das ações e muito mais das palavras. Eu comecei a viver realmente como as demais pessoas e entender o porquê de minha existência, tudo ficou melhor quando eu descobri e tive a compreensão do que meu padrasto havia me ensinado sobre encontrar um mundo melhor, procurando ser cada dia melhor e dizia ainda que “Quando eu soubesse viver em paz com a intimidade de minha alma eu poderia compartilhar com outras pessoas”, verdade, isso eu só encontrei quando entrei para o mundo totalmente visual-espacial na comunidade surda.

Através da Língua de Sinais, que é uma Língua completa, com estrutura independente da Língua Portuguesa Oral ou Escrita possibilitando o

desenvolvimento cognitivo do indivíduo surdo, favorecendo o seu acesso a conceitos e conhecimentos que se fazem necessários para sua interação com o outro e o meio em que vive, percebi que minhas dúvidas diminuíram e o meu prazer de viver com os ouvintes aumentou de forma viva na comunicação.

Tudo que almejei foi sentir uma segurança neste mundo onde falam uma linguagem estranha onde a nossa comunicação é muito mais visual, mesmo falando pouco e com apoio gestual é preciso recorrer à ajuda de todas as pessoas para progredir. Antes de aprender a Língua de Sinais, eu sabia muitas palavras, só que elas não tinha sentido para o uso no cotidiano. Sempre perguntando como é? O que é? Por que não é? Como você responde?

FACULDADE

Durante meus primeiros vestibulares eu não passei devido a minha redação e também pelas dificuldades lingüísticas que apresentava em relação à Língua Portuguesa. Quando consegui entrar, lembro que coloquei uma observação na prova, “Sou pessoa com deficiência auditiva”, não sei se isso ajudou, com várias tentativas fracassadas lá estava eu no meu primeiro ano do Curso de Pedagogia.

Ao entrar na sala procurei melhor local para sentar, em silêncio e constrangida não olhava muito para o lado com medo que alguém pudesse chegar para conversar e eu nada entender.

Os dias foram passando e eu conheci algumas colegas de sala, em cada pessoa eu apenas fazia leitura de expressão. De cada professor que entrava na sala eu procurava conhecer suas expressões porque sabia que iria precisar para que quando ele fosse falar comigo eu conseguisse entender melhor. Muitos professores davam as aulas e nem olhavam para os alunos e logo saíam, outros eram

mais persistentes, os poucos minutos que estavam na sala pareciam uma eternidade, conseguiam prender a atenção dos alunos e até mesmo conhecer cada um com um pequeno diálogo.

Recordo muito de duas professoras, Professora Magaly Silva Caldas Coelho de Psicologia e Nelly Luzio que me incentivaram muito. A Professora Magaly começava suas aulas e sempre fazia os alunos refletir sobre os porquês que ela soltava na sala, todos tinham que participar não importava como. Numa de suas aulas, lembro me que ela pediu para cada aluno fazer sua apresentação pessoal, não sei como, pulei de onde estava sentada e contei minha história e me apresentando que sou surda e trabalho em uma escola de surdos, pareceu que depois deste dia as coisas ficaram mais leves, eu até conseguia olhar melhor para as pessoas com menos medo de não entender quando elas me procuravam para se comunicar.

Ao participar de grupos de pesquisa eu pouco me oferecia, às vezes procurava fazer sozinha o que era necessário e a Professora Magaly persistiu e fez um jogo com o grupo, dizendo se algum grupo me convidasse não ia se arrepender, reforçou que eu era inteligente e sabia como fazer as atividades, pois os grupos queriam sempre os melhores e eu particularmente me sentia excluída. No final das escolhas de grupo, acabei participando o semestre juntamente com um grupo de colegas que tivemos muitas afinidade ao decorrer da faculdade, Dina como era conhecida tem Deficiência Física, cadeirante, Ácacia Milhomem que trabalhava com Deficiência Mental, Cibelle Rabelo que eu considerava superdotada, Neuza e Margareth que equilibravam o grupo com suas atitudes calmas e eu surda. Esse grupo foi maravilhoso. Cibelle sempre preocupada copiava tudo que o professor, pois eu não conseguia copiar e acompanhar o que o professor falava ao mesmo tempo. Quando eu

arriscava em fazer isso ao abaixar a cabeça já tinha perdido todo o assunto.

Por ser Faculdade particular precisei de apoio para continuar, me inscrevi para concorrer a meia bolsa de estudo, ao solicitar ofereci em troca palestras as quais professora Magaly Coelho solicitava para os demais cursos e Curso de Língua de Sinais para os acadêmicos da FUCMAT, hoje atual UCDB - Universidade Católica Dom Bosco. Em uma dessas palestras tive oportunidade de conhecer na época a acadêmica Maria Arlete Rocha Poletto, uma pessoa que tinha muito interesse na Língua de Sinais e juntas montamos os primeiros cursos no Dom Bosco e fizemos projetos que a Língua de Sinais fosse divulgada.

Neste período de faculdade eu viajava muito em busca de melhoria para comunidade surda, tanto social como educacional. Na oportunidade para melhorar o trabalho conheci a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, realizando o primeiro Encontro Sul-Mato-Grossense de Surdos, trazendo para nosso Estado pessoas surdas influentes na luta e também tivemos oportunidade de ter a conhecida Maria Francisca, cega-surda e suas experiências.

Meus anos como acadêmica foram muito bons, conheci pessoas que eram prestativas me colocando a par das informações que ocorriam na faculdade ou dentro da sala de aula.

Padre Morales, uma pessoa de muita garra e sempre disponível para atender os alunos, eu ficava surpresa quando ele me chamava e me informava que eu precisava conhecer melhor os benefícios para a comunidade surda, sempre tentava comparar quanto o Brasil estava atrasado em relação à Espanha e ao México, ele me contava quando voltava de suas viagens como estava acontecendo lá fora. E eu ainda estava lutando

para que a Língua de Sinais fosse um direito dos surdos, que ela fosse reconhecida e me dava força explicando que em sua terra já era reconhecida e também os Jornais já contavam com intérpretes, vários boletins informativos já existiam e como era atuação dos intérpretes de Língua de Sinais, tudo com muito dinamismo.

Não vi o passar do tempo, foi tudo muito rápido, entre sala de aula, palestras, cursos, CEADA, viagens para outros Estados, ASSUMS, FENEIS, voluntária nas Igrejas que pediam que eu desse curso de Língua de Sinais e atuação como intérprete para os surdos sinalizadores quando me pediam nos médicos, justiça, enfim em tudo que precisasse, chegou a hora da formatura.

Foi emocionante, eu não acreditava que cheguei em mais uma reta final, depois do culto e da missa, veio a cerimônia e em momento de entrega do “canudo”... o famoso canudo, os professores radiantes entregando um a um, tudo parecendo um sonho de beleza, som e cores.

De repente, vi que algo mudou, Padre Morales começou a discursar um pouquinho mais longo que o normal, o qual tive oportunidade de “ouvir” através da interpretação da Professora Maria Ampessan em Língua de Sinais. Eu já peguei na metade, quando ele estava dizendo que: “ao chamar uma pessoa que adentrou nesta faculdade como ouvinte, fez sua estada uma atuação em salas de aulas esclarecendo o que é surdez para os demais acadêmicos, aprendeu e ensinou durante estes três anos...”

Eu fiquei muito nervosa porque não estava entendendo porque tinham parado de chamar os formandos, pois estava

fora da seqüência, pensei por que será que ninguém me chama e de repente... eu estava em silêncio eu não liguei o fato que era para minha pessoa, só conseguir entender quando todos meus colegas em vez de bater palmas como na cultura dos ouvintes eles ficaram em pé e aplaudiram com suas mãos para o ar como os aplausos na cultura surda.

A emoção foi tão forte que as lágrimas não me permitiam ver mais nada.

ÍNDIO, AGENDA E UM BEBÊ

No ano de 1991 fui com Ronise, uma amiga surda do Rio de Janeiro, para Aldeia Xavante em Barra do Garça-MT, onde na oportunidade um amigo de faculdade, seminarista Teixeira, estava morando. Conheci outra cultura e também a existência de índio surdo. Estar na aldeia me fez compreender melhor o que estava escrito nos livros de histórias dos quais eu estudava na escola.

Outras aldeias eram próximas e visitamos também, a diferença cultural era muito por serem aldeias tão próximas, Xavante e Bororó.

Fiquei maravilhada e liguei uma semelhança lingüística, vivenciei o campo de pesquisa e ensino da língua indígena e língua portuguesa e suas adaptações e vi quanto era semelhante com a língua de sinais em seu ensino-aprendizagem.

Sempre fui uma pessoa muito sorridente e alegre, às vezes muito desastrada, isso fazia que as pessoas próximas sempre me corrigindo, aprontei muito em referência às diversões, adorava viajar,

pois viajo sozinha desde os doze anos, algo forte está em minha busca maior de informações e conhecimento.

Em meu retorno, vi que fortalecida estava para lutar mais para que os ouvintes entendessem a cultura lingüística dos surdos que é a língua de sinais. Neste período estava com um projeto a ser realizado em Corumbá, o Encontro Sul-Mato-Grossense de Surdos, tudo organizado e com objetivo de atingir o interior, recebi apoio de amigos surdos e ouvintes de outros Estados através da FENEIS, mês de setembro e outubro era os meses que não teria dias livres, muitas viagens, muitas palestras, trabalhos a serem entregues, enfim tudo controlado por uma agenda.

Entre uma correria e outra, Teixeira aparece em casa com um Cesto Xavante onde carrega bebê índio. Eu adorei a visita e de repente ele de disse:

– É um presente da Aldeia Xavante pela sua estada por lá.

Eu perguntei rindo: – O que faço com isso, para que serve isso?

Ele me respondeu também rindo: – Vai guardar um bebê.

Eu olhei espantada, desconfiada que algo deve estar errado com o presente, antes de Teixeira me entregar ele me mostrou como as mães índias usavam e eu reforcei o agradecimento e expliquei que naquela oportunidade guardaria meus livros de leituras diárias, com certeza, rindo nos despedimos. Não dei muita importância ao significado do presente, e guardei com maior carinho os meus livros dentro.

O Encontro Sul-Mato-Grossense de Surdos aconteceu, a comissão organizadora e os palestrantes tiveram oportunidade de fazer uma excursão pelo Pantanal Sul-Mato-Grossense, muitos animais e aves presentes como jacarés, capivaras, tuiuiús,

garças, araras vermelhas e azuis, tucanos e macacos, uma beleza ímpar, lindo maravilhoso é como se estivéssemos no paraíso.

Na volta, uma sucuri filhote de mais ou menos três metros estava passando pela estrada e o guia turístico resolveu parar e explicar sobre a sucuri, seu habitat e como vive, contando ainda sobre alguns fatos passados com os turistas estrangeiros. Nosso grupo todo animado para tirar uma foto e começamos a nos preparar, pensamos que não iríamos chegar muito perto, neste momento o guia pergunta, “quem é da terra?”

Eu toda animada respondi: “EU”, então ele disse “segura no rabo”, entregando o rabo da sucuri e a outra colega sinalizou, ele disse que vai pegar a cabeça com uma forquilha. Tudo bem, fiquei segurando e começamos a tirar as fotos, enquanto isso eu fiquei admirada como sua pele era linda, a cor, o brilho e como vivia no pântano.

Tudo certo como combinado começamos a tirar fotos e mais fotos e não sei como a sucuri expeliu suas fezes, um cheiro tão forte, horrível, coloquei o rabo no chão e ela sumiu deixando aquele odor horrível, começamos a passar mal devido o cheiro, tivemos que deixar as blusas que foram jogadas no mato, o cheiro era insuportável.

No hotel, tudo já estava se tranquilizando, a recordação do cheiro não saía e passei mal a noite inteira. Eu não parava de vomitar e aos poucos fui melhorando. Fiquei imaginando no paraíso também tem seus contrastes, tudo pode acontecer.

Voltando para Campo Grande, eu fazia acompanhamento médico devido ao distúrbio de minha tireóide, durante a consulta relatei o ocorrido e disse para minha médica endocrinologista Dr^a Ana Rosa, que estava me sentindo diferente, ela disse apenas que eu iria tomar um calmante e logo melhoraria.

Voltei para casa com aquela caixa de remédio na mão e olhei a tarja preta, pensei o que será que tenho, só lembrava que ela havia dito, grávida você não pode ficar, você precisa relaxar. E, em meu momento de oração, algo me dizia para não tomar aquele remédio.

No outro dia voltei decidida para dizer que não iria tomar aquele remédio, eu estava preocupada e havia cinco anos que estava fazendo tratamento e estava tendo sucesso, aquele papo que criou em meu pescoço estava diminuindo e eu não tremia mais, já me sentia muito bem. Como eu conhecia minha médica e sabia o como ela também estava preocupada, antes eu ia sempre acompanhada com minha mãe ou uma intérprete de língua de sinais, e neste período eu já estava indo sozinha, quando eu não a entendia escrevia e explicava de novo até eu entender.

Aguardando minha vez de ser atendida, entrei no consultório e ela riu e perguntou o que aconteceu, eu disse:

– Acho que estou grávida, quero fazer um exame e só depois tomo esse remédio.

Ela reforçou me explicando que eu não poderia ficar grávida naquele momento do tratamento. Eu continuei insistindo e de repente ela disse:

– Espere.

Ela saiu e logo voltou, explicando que foi conversar com Dr.^a Amália, sempre atenciosa ela disse sorrindo:

– Você vai tirar isso da cabeça agora e ficará mais tranqüila para continuar seu tratamento.

Entre rapidamente na sala da Dr.^a Amália, uma ginecologista que fazia acompanhamento com homeopatia ela fez um exame e olhou para mim, apenas disse:

– Vista-se e vem aqui.

Sentei e esperei ela chamou Dr.^a Ana Rosa e disse:

– Shirley está grávida de quatro meses.

Meu corpo flutuou e só vi um pedido de exames em minha mão e Dr.^a Ana Rosa um silêncio profundo.

Não pensei muitas coisas, deixei para tudo acontecer, já estava com vinte e sete anos, minha mãe sempre amiga apenas disse:

– O bebê é seu, você aprenderá a cuidar dele, você trabalha e se organize da melhor forma possível. O que precisar pode contar comigo.

Confesso que senti abandonada e não sabia por onde começar.

Aceitei a nova situação, apenas fiquei preocupada, pois não tinha agendado nada de ter um bebê, como eu tinha uma agenda lotada por mais um ano, incluindo viagens no interior e outros Estados, pensei como faria para incluir um bebê no meio de tudo isso.

Minha barriga não cresceu, eu não usei roupa de grávida, minhas roupas sempre foram largas e com isso apenas parecia que tinha engordado um pouco. Os meses passaram tão rápido que mais quatro meses Natany Rebeca nasceu.

Tive oportunidades de conseguir um espaço para intérprete de língua de sinais no hospital na hora do meu parto. A Psicóloga e intérprete Maria Arlete acompanhou a gravidez, o parto e pós-parto.

Fizemos uma fita com objetivo de mostrar para a comunidade surda mostrando o que ocorreria na hora do parto, como o bebê nascia pelo parto cesariano e o que acontecia logo após do nascimento tudo em imagens e quando podia em língua de sinais, pois a Arlete que estava filmando, houve momentos que ela precisava perguntar algo para mim em língua

de sinais e outro médico continuava filmando. Assim a gravidez foi incluída para beneficiar e conquistar espaço para a comunidade surda, principalmente para as jovens futuras mães surdas terem intérprete no momento do parto.

No hospital Natany Rebeca pegou uma infecção hospitalar em sua mão, foi preciso levar para outro hospital que contava com mais recursos. Eu não tinha condições financeiras de manter o tratamento, assim como eu também não estava conseguindo recuperar da cirurgia, não cicatrizava o que era natural em qualquer mulher que tivesse submetido a mesma cirurgia apenas três dias. Sem andar, pouco fiz pela saúde de Natany Rebeca, então Maria Arlete tomou frente e começou a pedir apoio para o pagamento do hospital e aluguel de aparelhos necessários para o tratamento, fez pedágio na rua juntamente com a comunidade surda, tive apoio do CEADA, meu serviço que em todas as lutas esteve presente, a comunidade surda e ouvinte se reuniram e apoiaram como podiam, a FENEIS pediu apoio para as Associações de Surdos de todo Brasil e meus familiares e demais amigos de Campo Grande me deram o apoio necessário, uns ficando com Natany Rebeca no hospital, foi muito emocionante, eu não conseguia ficar em pé muito tempo e acompanhava ora por bilhetes, visitas ou mesmos noticiário local.

Eu apenas ficava na cama aos cuidados de minha mãe, irmã e irmãos enquanto meus amigos e irmãos ficavam no hospital com Natany Rebeca. Até mesmo o jornal local, apoiou o pedágio, divulgando e pedindo apoio solicitado pela comunidade surda sob a direção de Arlete.

Passando duas semanas, Natany Rebeca teve alta e já se encontrava em casa comigo, eu ainda demorei quarenta e cinco dias para que a cicatrização estivesse completa. Seus primei-

ros banhos foram dado por dona Nice e dona Neuza. Lembro que Natany era tão pequena que cabia na mão de dona Nice (Eunice Marques) a quem conheço desde pequena, e da dona Corinta, que sempre dedicou uma atenção especial a Natany. A primeira coisa que fiz foi sair de casa, viajar para agradecer as pessoas que me apoiaram, liguei agradecendo, escrevi a todos que longe moravam mais próximos estavam nestes momentos. Aqui deixo o agradecimento que escrevi quando Natany Rebeca completou um ano de idade.

AINDA NÃO SEI FALAR MAS UMA
HISTÓRIA EU VOU CONTAR

Um ano está passando
A primeira página acabando
Passos a passos recordando
As melhores passagens, que:

Fui maior desejo de mamãe
O maior presente de papai
Tudo foi surpresa: meu nascimento
Antecipei e a mãozinha machuquei...

Hospital e tratamento precisei
Mas, sem condições fiquei...
Então....
Você entrou para minha história

Eu, mamãe e papai não sabemos
Como agradecer
Os amigos em orações, recebi muitas bênçãos
Foi assim acontecendo com pedágios e doações.

Beijos

Natany Rebeca

Esta mensagem foi escrita em junho de 1993 para as pessoas que apoiaram diretamente e indiretamente para salvar a vida de Natany Rebeca.

SER MÃE

Ser mãe surda e ter uma filha ouvinte e como ser mãe ouvinte e ter filha surda. Enquanto não precisa usar a fala tudo bem, a partir do momento que a fala entra no meio da comunicação, tudo começa ficar diferente, dando outro sentido para a vida no dia-a-dia.

Minha adaptação com Natany Rebeca foi incrível, com um alarme de choro com luz, doado por um amigo surdo, eu acompanhava quando ela estava acordando e ou chorando. Ao passar do tempo percebi que estava acontecendo algo diferente, ela começou a sair do berço-cama e segurando chegava até minha cama e me acordava, sinalizava leite ou água, fui percebendo que sozinha eu não conseguia saber o que ela queria se não sinalizasse.

Lembro que algumas pessoas me perguntavam o por que eu não entregaria Natany Rebeca para minha família criar, pois ela vai sofrer muito morando com você.

Eu sempre respondia que eu queria criar a minha filha e não queria repetir algo que meus amigos surdos fazem que é entregar os filhos para seus familiares criarem por que eles falam. Admiro os surdos que conseguiram criar seus filhos e educaram da maneira que acreditavam que seria certo sem influência de seus familiares ouvintes.

Eu estava determinada a ensinar e obter junto com ela a melhor forma de comunicação, eu desejava ficar com ela, eu ansiava ser mãe, decidida pensei vou ficar com ela, quero crescer juntamente com seu crescimento e assim tudo foi acontecendo e ao mesmo tempo eu estava descobrindo que não sabia ser mãe, o que falar com Natany Rebeca ou mesmo o que aconselhá-la.

Eu não sabia brincar em momentos oportunos e sempre fazia comparação de quando ela estava com ouvinte agia de uma forma e quando estava comigo agia de modo diferente. Quando surgiam oportunidades eu perguntava para minha mãe, irmãos e amigos para me dizer o que ela falava, se ela respondia os que as pessoas perguntavam, se ela cantava, eu perguntava tudo que dependia da audição.

Natany Rebeca gostava muito de ficar sentada em uma pedra e ali passava horas, depois eu descobri que ela passava o tempo todo conversando com um amigo da família Ronaldo, passei então tomar conhecimento do que ela falava, as histórias eram sempre o que ocorria em casa ou com os animais existentes em casa. Ela também dava sugestões de como deveria ser a construção de reforma ou algo que estivesse construindo devido sempre estar ouvindo este assunto pela minha mãe.

Renata Patrícia, mesmo tendo um pensamento muito diferente do meu em relação a diálogo e criação, como Renata é sua madrinha faz certas colocações as quais eu discordo, sei

que Natany Rebeca consegue separar as coisas. Eu tenho aprendido muito mais do que ensino, ela começou a atender telefonemas com quatro anos de idade e no início eu precisei confiar muito e aprender a ler seu lábios rapidamente, os mais complicado era quando o telefonema solicitava números de documentos ou seja CPF ou RG. As vezes ela se preocupava e tentava repetir o que estava passando na televisão ou mesmos o que as pessoas estavam falando.

Nossa ida ao médico, antes era com minha mãe ou intérprete, aos poucos ela mesma conversava com o médico dizendo como estava se sentindo e quando eu não entendia o que o médico estava explicando ela repetia até eu conseguir entender e também me explicava a receita, ora por língua de sinais sem a fala, ora com a fala misturada com sinais.

Adaptamos muitos momentos e também houve momentos que fiquei surpresa em saber o que se passava na cabeça dela como numa conversa durante uma caminhada, nós estávamos conversando sobre diarreia como foi a primeira vez, eu contei que eu me lembrava que tinha mais ou menos uns três anos e estava pronta para sair e de repente senti algo molhado em meu macacão e logo descobri aquilo tinha saído de mim, como e por que eu não sabia, eu não tinha informações que isso acontecia e logo ela me disse que se lembrava também que a primeira vez foi dentro de minha barriga, eu fiquei imaginando e perguntei, como assim dentro de minha barriga?

Ela me respondeu que sim, dentro de sua barriga antes de eu sair dela eu já evacuava, comecei a rir e guardei para mim, mesmo sem entender até hoje por que ela me disse aquilo.

Outro fato foi durante uma entrevista ela disse que preferia ter mãe surda a mãe ouvinte, pois as mães ouvintes controlam seus filhos pelos ouvidos, todas as horas as mães ouvintes

ficam gritando, faz isso, não faz isso, deixa isso, pega aquilo, fecha isso entre outras coisas sem sair do lugar.

Às vezes ela me falava que ficava cansada e que precisava ficar com as pessoas ouvintes devido à atenção ter que me dar quando estamos juntas, eu sempre entendo pois tenho as mesmas necessidades de estar com os surdos usando apenas a língua de sinais sem ter que usar a língua portuguesa oral. A cada dia que passa percebo que estamos crescendo e descobrindo muitas coisas.

Sempre procuro as mães ouvintes para perguntar o que elas conversam com os seus filhos para que eu possa ter um parâmetro e agir de uma forma não tão diferente com Natany Rebeca, sei também que as mães ouvintes de surdos não sabem agir com os filhos surdos e penso que se elas comessem a perguntar para as mães surdas as coisa seriam melhor a nível de comunicação com seus filhos.

A cada dia que passa, vejo quanto Natany Rebeca está crescendo, sinto hoje que no lugar de ser eu mãe e ela filha, tive que abrir uma porta em meu pensamento, eu amiga e ela amiga. Ter um jeito diferente de ver um outro ser que foi gerado em minha pessoa, estar desenvolvendo para o mundo.

Cada momento está marcante e eu retorno ao meu jeito menina para acompanhar os seus passos. Vejo que quão diferente é retornar ao meu passado, a alegria, a maneira de agir, a segurança que Natany Rebeca aparenta ter eu ao contrário disso tudo, tinha uma grande necessidade de comunicação. Sinto-me em crescimento também ao deparar com essas atitudes. O que estou observando que a cada dia tenho mais cumplicidade e a nossa relação mãe e amiga está mais forte.

CEADA

Caminhando e recordando ainda dos relatórios de estágio do Magistério, as anotações dos professores que seria necessário uma boa dicção, saber ouvir os alunos, corrigir as falas dos alunos e ainda algumas anotações reforçavam que eu não tinha concordância verbal ou nominal. Enfim um relatório onde minha carreira de professora seria impossível.

O sonho permanecia de um dia encontrar uma escola de surdos, e assim numa dessas caminhadas deparei com uma placa onde estava escrito Centro de Atendimento ao Deficiente da Audiocomunicação - CEADA, ainda vinculado ao CRAMPS, primeiramente procurei pelo atendimento, já que eu precisava de um fonoaudiólogo, entrei e fui informada que o centro não atendia problemas de fala e sim crianças com surdez severa e profunda. Expliquei que tinha uma surdez severa e gostaria de aprender a falar melhor. Senti algo diferente em minha busca, como estava fa-

zendo magistério arrisquei em pedir para fazer estágio e prontamente fui atendida e assim comecei a realizar meu sonho, ter encontrado um lugar que me sentia realizada juntamente com as crianças surdas, como voluntária, começando então, meu primeiro trabalho pedagógico com pessoas com surdez severa e profunda.

Iniciei no maternal, com atividades específicas que eu ainda precisava aprender, pois por mais que eu estivesse terminado o curso de magistério, sentia que não tinha base pedagógica suficiente para atuar, e neste período tive muito apoio dos professores e equipe do CEADA para aprender o que se aprende somente quando estamos em sala de aula com alunos. O tempo foi passando e no final do ano de 1984 com muita esperança de ser convocada para dar aula no próximo ano por já ter concluído o Magistério tive uma grande decepção. Fui impedida após um consenso da Diretoria de Educação Especial e Secretário de Educação com o seguinte argumento: “Como uma pessoa surda pode ser professora de surdos?”, não fui aceita.

Posteriormente em 1985, procurei o Centro Auditivo Telex que comercializava aparelhos auditivos. Mesmo sem experiência, fui chamada para trabalhar na recepção. Durante aproximadamente seis meses de trabalho, aprendi a conviver com o público ouvinte e portadores de deficiência auditiva, com empenho do gerente que na época era Sr. Celso Gomes, aceitando além da minha inexperiência por ser meu primeiro emprego, colaborou com apoio lingüístico e fez adaptação com o aparelho auditivo assim fui aprendendo cada vez mais, nessa fase eu não me aceitava e essa não aceitação dificultava mais minha compreensão do mundo dos ouvintes.

No segundo semestre apareceu a segunda oportunidade de voltar para o CEADA, a convite da Psicóloga Nilza Sano, a qual demonstrou interesse buscando nos órgãos competente como convocar uma profissional surda. Com uma vaga para substituição tive uma grande oportunidade de ficar como professora substituta por um ano e meio.

Vencendo barreiras, a maior dela era a minha auto-aceitação, passei a conviver com os outros surdos aceitando com mais facilidade a minha necessidade de fazer uso da Língua de Sinais e não sendo apenas mais uma pessoa no auditório e sim uma pessoa surda com identidade própria, com direito de ser diferente e de descobrir o fascinante mundo dos ouvintes.

Com uma meta vencida, um sonho realizado, de encontrar uma escola de surdo, realmente onde havia pessoas iguais a mim. No início atuei como voluntária depois fui convocada pelo Estado, atuei como Palestrante para pais e profissionais, principalmente relatando experiência em Congressos e Encontros Nacionais e Internacionais, fui regente do Coral do CEADA, onde as músicas são ilustradas com os sinais da Língua de Sinais, também assessoriei algumas cidades do Estado de Mato Grosso sobre a Educação de Surdos.

Como primeira diretora surda do estado de Mato Grosso do Sul em escola Pública representei a Comunidade surda a nível estadual e nacional. Minha experiência inicial como diretora foi muito difícil, pois as colegas professoras e coordenadora não acreditaram que eu poderia atuar, lembro-me que as perguntas eram: “Shirley você é surda, vai participar de reunião?” “Como você vai fazer reunião?” “Como vai atender telefonemas, como..., como...?” Tive colegas que marcaram muito pela sinceridade de me chamar e dizer que não tinham votado em mim, mas que não iriam fazer nada que prejudicasse a mi-

nha gestão. Como também tive colega que abraçou a causa apoiando desde a elaboração da proposta da minha gestão. Senti que muitos funcionários mudaram a postura conhecendo melhor a comunicação com os alunos e até mesmo comigo, com os professores ouvintes senti muito distanciamento, poucas professoras eu conseguia sentir que estavam satisfeitas em ter uma diretora surda, dos profissionais surdos senti mais firmeza e com apoio da equipe ajudou muito na minha jornada.

O trabalho que era oferecido foi multiplicado e aumentou o número e a qualidade de atendimento principalmente na comunicação.

Passsei horas explicando sobre surdo, cultura, Língua de Sinais e Língua Portuguesa para os profissionais e interessados, busquei convênios e parcerias com órgãos e demais escolas, onde sempre fui bem recebida pelos diretores. Nas reuniões de diretores passei a ter uma intérprete para fazer da minha presença uma participação ativa. Apresentei projetos que beneficiavam o surdo no Ensino Regular com apoio de Intérprete. O Intérprete passou a ser presente nas reuniões onde eu era convidada nos grandes eventos, desde reuniões com governador, ministros, prefeitos e demais autoridades, senti que minha presença e minha necessidade da Língua de Sinais estava conquistando um espaço com muito respeito pela autoridade local.

Dentro do CEADA, os profissionais nem todos estavam satisfeitos, sempre querendo mudanças que muitas vezes resolviam apenas a vida dos profissionais ouvintes e não dos alunos surdos. Com experiência adquirida hoje sei que precisamos aprender a ensinar os surdos profundos de forma diferente da que aprendemos nos livros e na faculdade.

Muitos professores foram mudando conforme seu entendimento, outros estão muito longe de entender a pessoa surda.

É preciso mudar, e com a presença de instrutores e professor surdos no CEADA isso ficou claro, as vezes senti que o professor ouvinte estava perdendo cada vez mais o seu espaço para o instrutor surdo.

Encontrei muitas pessoas fora do CEADA que apoiaram para que meu trabalho como diretora fosse realizado, dando-me credibilidade apesar de minhas falhas.

Atuei também como Presidente do Conselho Estadual da Pessoa Portadora de Deficiência, aprendi o quanto é importante ter uma missão maior e a conquista de amizades de Pessoas com Deficiências ou não, foi fortalecendo e colocando em prática a primeira Política Estadual de Promoção e Integração Social da Pessoa Portadora de Deficiência, para um novo caminhar no Estado de Mato Grosso do Sul e no Brasil.

O QUE EU QUERO DIZER...

Amigo é o primeiro sinal que aprendi quando entrei neste mundo tão mágico desconhecido... chamado escola de surdos.

Aprendi que quando uma pessoa abraça a outra é amigo,

Quando brigar com o colega e alguém fala, sempre fala:

“Ele é seu amigo” no gesto de uma mão aberta no peito que é o sinal de amigo.

A primeira palavra que o aluno aprende é “PÁ” e a segunda é “PATO”,

Assim vai aprendendo que você ensinar.

Mas o que eu quero dizer é outra coisa, que através da convivência com os alunos aprendi e seus sinais; eu traduzi...

Professor...

Aconteceu tudo, então agora eu peço:

Desculpe-me que quando você me ensinava eu não prestava atenção.

Obrigada pela paciência que teve comigo.

Desculpe-me que quando você me educava eu não aceitei.

Obrigada por ter me ajudado no meu progresso.

Desculpe-me pela bagunça que aprontei, obrigada por ter me tolerado.

Desculpe-me por ter deixado com lágrimas escondidas

Por não ter mostrado tudo que me ensinou.

“Mas valeu” meu aprendizado é lento.

Desculpe-me pelas noites mal dormidas,

Pensando no que vai fazer comigo.

Obrigada pelo seu carinho.

Desculpe-me pelas lágrimas que lhe sufocaram e você teve que ser forte

E, continuar lutando...

Obrigada por tudo mais uma vez, pelo seu carinho, paciência, esperança

Que deste aos meus pais quando estes lhe procuraram dizendo

Que era você quem me entendia.

Obrigada por você existir e nunca apagar de seu coração

O amor que tem por mim.

PRÊMIO EDUCAÇÃO 2000
“O MESTRE QUE MARCOU
A MINHA VIDA”

Em 31 de outubro de 2000 fui convidada para cerimônia de conclusão do Projeto “O MESTRE QUE MARCOU A MINHA VIDA” no auditório da FIEMS.

Não estava muito claro para mim por que estaria recebendo esta medalha com a frase de apresentação:

“É irrefutável a importância que tem a Educação para o desenvolvimento social da nação (frase escrita por Therezinha de Alencar Selem, a quem tenho agradecimento especial pela escolha de meu nome e indicação como personalidade que fez diferença na Educação Especial)”.

A metodologia utilizada para escolha foi homenagear personalidades e instituições que contribuíram para mudar o rumo da história de Campo Grande pela via educacional. No meu caso, como representante da Educação Especial pelo forte senso de inclusão dos diferentes, destaque pelos serviços prestados à Educação Especial no

Estado, sendo responsável pela introdução da Língua de Sinais na área educacional em Mato Grosso do Sul, sendo minha vida profissional sempre ligada aos serviços prestado pelo CEADA - Centro Estadual de Atendimento ao Deficiente da Audiocomunicação, desenvolvendo diversos projetos, utilizando como mecanismo de comunicação a LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais, língua que garante além da comunicação o conforto lingüístico, tornando se assim uma língua natural e forma de expressão da pessoa surda, envolvendo ações, idéias e sentimentos. Contribuindo para melhoria da comunidade surda e seus familiares, pretendo continuar os projetos, elevando a nível nacional, pois há muitas coisas a serem feitas para o aprimoramento do processo de educação, inter-relação e apoio sociocultural dos surdos, sendo que os problemas são peculiares aos demais Estados do Brasil.

CRONOLOGIA

- 1964 – 18 de junho: nascimento em Campo Grande, filha de Dario Vilhalva e Albina Aguirre Vilhalva, é a primeira filha dos quatro filhos.
- 1972 – Início dos estudos na Escola Municipal Padre José de Anchieta.
- 1976 – Aos doze anos, colocou o primeiro aparelho auditivo. Não aceitando, pois sentia vergonha.
- 1980 – Ida para São Paulo, em busca de tratamento.
- 1980 – Recebe atestado de louvor da Escola Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.
- 1983 – Começou o magistério na Escola Perpétuo Socorro.
- 1984 – Realiza o sonho de ser professora de Surdo, Sendo a primeira professora de surdo no Mato Grosso do Sul.
- 1984 – Conhecimento da Língua de Sinais e responsável para divulgação em MS
- 1985 – Trabalha como recepcionista e secretária do Centro Auditivo Telex S/A.

- 1985 – Aos vinte anos retorna a colocar o aparelho auditivo.
- 1986 – Assume a Presidência da ASSUMS (Associação de Surdos de Mato Grosso do Sul).
- 1987 – Participa da diretoria da FENEIS no Rio de Janeiro.
- 1988 - Entra para a faculdade FUCMAT no Curso de Pedagogia. Hoje atual UCDB.
- 1988 – Inicia-se Cursos de Língua de Sinais para os acadêmicos da faculdade.
- 1988 – Realiza o primeiro Encontro Sul-Mato-Grossense de Surdos, trazendo para o Estado pessoas surdas influentes na luta.
- 1990 – Formação em Pedagogia.
- 1992 – Participação do Encontro Ibero-Americano de Portadores de Deficiências na qualidade de Coordenadora.
- 1992 – Apresentação de Projeto de Instrutores dentro da sala de aula para a Secretaria de Estado de Educação de MS.
- 1992 – Nasce sua filha Natany Rebeca, um presente de Deus.
- 1993 – Indicada como Diretora do CEADA.
- 1993 – Realização do Curso de Especialização em Metodologia do Ensino Superior – FIFASUL.
- 1993 – Implantação de Projeto Intérprete dentro da Sala de aula para alunos surdos a partir da 5ª série na Rede Estadual.
- 1995 – Participa de DEF’Rio 95 – Como palestrante de Projetos de Apoio ao Surdo em Instituição.
- 1995 – Assume a Direção do CEADA por três anos.
- 1997 - Assume a CONSEP (Conselho Estadual ao Portador de Deficiência) como Conselheira.
- 1997 – Recebe a placa de Agradecimento pelo apoio ao Mercado de Trabalho no período de 95/97, pelos professores da Educação Profissional da Capital e do Interior.

- 1997 – Recebe a placa de Comemoração aos 10 anos da FENEIS, pelo apoio prestado a Comunidade Surda.
- 1997 – Recebe o Certificado de relevante contribuição voluntária da ASSUMS de 1982 a 1987.
- 1999 - Assume a CONSEP(Conselho Estadual ao Portador de Deficiência) como Conselheira Presidente.
- 1999 – Implantação de Projeto Intérprete dentro da Sala de aula para alunos surdos a partir da 5ª série na Rede Municipal.
- 2000 – Lança juntamente com os Instrutores: Adriano Gianotto, Édio Tadeu W.Asen, Elaine Aparecida de Oliveira, Zanúbia Dada, o primeiro livro de Língua de Sinais de MS “LIBRAS... Língua Brasileira de Sinais com Dialeto Regional de Mato Grosso do Sul.
- 2000 – Conselheira do FUNDEF/MS - Representante da Educação Especial.
- 2000 – Recebeu o Prêmio “ O Mestre que marcou a minha vida”, como destaque da Educação 2000 por ter apresentado o Projeto “A Língua de Sinais na Educação de Surdos de Mato Grosso do Sul”. Que vigora a 14 anos.
- 2001 – Participação no Curso de Capacitação de Instrutores/ Agente Multiplicadores da Língua de Sinais com aprovação como Agente Multiplicador pela UNB/MEC.
- 2002 – Atuação como Técnica da Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul e Coordenadora Estadual do Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos/MEC/FENEIS/SED/CAS/MS
- 2004 – Conselheira de Administração da FENEIS, Professora na Educação a Distância da UFMS/ead - área da Múltipla Deficiência e Técnica e Professora de Libras do CAS/SED/MS

HOJE VIM DESCOBRIR...

Na melodia do tempo, hoje vim descobrir os corpos e suas linguagens internas com a arte da música, da dança, do teatro e da vida.

Os olhos dos homens conversam tanto quanto suas línguas. Os olhos que vêem o céu, que vêem a terra e o mar, que contempla toda beleza desta existência.

Os olhos que se iluminam de amor ante o majestoso festival de cor da generosa natureza.

Mas nós que perdemos a faculdade de ver o belo, vemos com a alegria incontida uma flor tanto pelo tato, pelo olfato suas pétalas, seus perfumes e sua cor.

A missão para arte não tem dor.

Os ouvidos que foram dados para ouvir a melodia da vida, os mais belos cantos dentre as mais belas vozes. Sem imaginar que perdemos o Dom de ouvir as maravilhas do som, temos a arte de sentir todas as vibrações. E nós que não conseguimos falar em sua língua temos a arte nas mãos, nosso corpo a bailar e na expressão de falar.

Mas perante a sinfonia da vida, uma estranha melodia vem nos contar, que tem aqueles a falar, que falta algo a completar, sua parte ausente vem com o recanto da paz ou escola do amor, que te deixa a desejar e a arte te completar.

A magia da noite, no encanto destes sentimentos, puros e belos, o amor é o maior que ele pode cantar sem voz, mostrar o caminho sem olhar, ensinar sem andar e mostrar a beleza da glória sem pensar.

Enquanto a arte se edifica, a música toca a mensagem de Deus que para os homens da terra, o Dom de amar é o mais importante, o véu da noite vem acariciar este espetáculo da vida, como uma estrada florida cheia de emoção na união de seres surdos e ouvinte, cegos ou videntes, andantes ou cadeirantes, com faculdade de pensar e os que não tens, negros e brancos.

AGRADECIMENTOS

Quero deixar registrado aqui agradecimentos as pessoas que contribuíram para meu crescimento pessoal e profissional. Desculpe-me se esqueci algum nome, pois gostaria de agradecer a cada uma delas.

Agradeço ao meu pai Dario Vilhalva, a oportunidade de ter vindo a este mundo.

Agradeço a minha avó Júlia Balbuena (in memoriam) e Margarida Barretos (in memoriam) por terem feito parte da minha vida.

Agradeço a Ângela Maria Aguirre por ter doado os seus ouvidos e seus minutos me colocando em sintonia da comunicação e juntamente com seus filhos, Suliane, Everton, Cristian, Rafael, Di Steffano e.

Agradeço ao meu Tio Nildo Nunes por ter me ensinado que o melhor caminho para ter e ser alguém na vida é o estudo, juntamente com seus familiares, Edna, Gustavo, Claudia e Carla.

Agradeço Maria Coxev pela paciência de ter me ensinado a conhecer as primeiras palavras e mostrado que eu poderia ouvir através delas.

Agradeço ao meu padrasto Almir Moraes Ribeiro, que foi um pai muito presente em minha vida, me mostrando que eu tinha potencial e poderia fazer uso disso.

Agradeço aos meus irmãos Dario Vilhalva, Nilton Cesar Aguirre e Renata Patrícia pela paciência de me explicar o que se passava na televisão mesmo que perdendo seus programas favoritos, juntamente com Erick, Karen, Kennedy, Juliane e Daniela. Um agradecimento especial a minha irmã Renata Patrícia por ter digitado a maior parte deste livro.

Agradeço aos meus irmãos Denilson Vilhalva e Denise Vilhalva pelas férias que passamos juntos.

A família Aguirre que sempre estiveram apoiando o meu trabalho em Três Lagoas – MS.

Agradeço ao Itan Celestino da Silva, por ter feito parte da minha vida e por ter me dado uma linda filha.

Agradeço aos colegas profissionais e amigos surdos e ouvintes que acompanharam essa minha jornada.

Acácia Milhomen, Adelaide Prates, Adriana Banar S. Pleutin, Adriano de O. Gianotto, Agripina Freitas, Aleixo Paraguassu, Ana Amélia M. Rodrigues, Ana Elvira Barata, Ana Fátima Marques, Ana Marques Dib, Ana Regina Campello, Ana Rita dos Santos, Anadalva Parahyba, André Puccinelli, Anecy de Almeida, Angelina Cizoto Lopes, Antonia dos Santos Alves, Antônio Campos de Abreu, Arancibio Gonçalves Barbosa, Carmem Silvia Samadello, Cati Siselie Xavier, Cecília Sandra Antunes de Souza, Celso Gomes, Cibelle Rabelo, Cícera C. Cosmo, Clara R. Pedroza, Clarice Lopes Caceres, Claudia Inês G. Vilhalva, Cléia M. Oliveira, Cristiane Albres,

Dinorah A. Rachel, Ederly T. de Araujo, Edil Albuquerque, Édio W. Asen, Edir Marques, Edite de Jesus, Edna Matos, Elaine A. Oliveira, Eleide T. Sumioka, Elenir F. Nicolau, Eliane Negreiros, Elias Dib, Elizabete C. B. Alencar, Elizéia F. Molina, Elizete Paz Cardoso, Eloísa Kohl, Elzeni M. dos Santos, Emeli Marques, Enides Paes, Ercilena A. Lima, Esmeralda Stelling, Eudeter J. Marques, Eudócia da Luz, Eulanda S. Souza, Eunice Marques, Eva da Silva Mendes, Evanise Luz, Fátima G. Hadid, Fernando Valverde, Flávia Shimabukuro, Francisca G. Gonçalves, Geralda E. Ferreira, Geraldo Cavalcante, Helen T. Ballock, Helena M. Castro, Helena M. Godoy, Hilda Trefzer, Inez G. Bahia, Iracema Santos, Irani R. da Silva, Iria Marta Queiroz, Jacqueline Ricartes, Janete M. da Silva, Jefferson Lucas, João C. Andrade, José P. Silva, Júlia P. de Lima, Juliana Vilela, Jussara Linhares, Keila V. Valério, Laura A. Casaca, Lecir R. Martins, Leda S. Ramos, Lenilda F. Rankel, Lenir Sanches, Leopoldina Jornada, Lione F. Peixoto, Lourdes Marques, Lúcia Maria Nicolatti, Lúcia Severo, Luiz Carlos F. da Nova, Magaly Coelho, Mara D'Giácomo, Marcelo A. Silva, Márcia Guedes, Márcia Marques, Mari R. Arsamendes, Maria A. Dantas, Maria Aglaiz Oliveira, Maria A. de Melo, Maria Ampessan Mossini, Maria Antonieta de Santana, Maria Aparecida de Paula, Maria Aparecida L. Reis, Maria Arlete R. Poletto, Maria Bernardete Lopes, Maria C. Greff, Maria Consolação Oliveira da Costa, Maria Cândida Abes, Maria das Graças Mattos, Maria de Jesus D. Fujiyama, Maria Francisca da Silva, Maria Ineide B. dos Santos, Maria Jôse de Souza, Maria L. Durbem, Maria L. Prado, Maria Terezinha Correa, Maria Verônica da Silva, Maria Zeozilde Miranda, Marilene Ribeiro, Marilucy N. Rodovalho, Marilza de M. Rodríguez,

Marilza dos Santos, Marlene C. Silva, Marlene Gotti, Marlene R. Pereira, Mary Azuaga Berg, Maurício Picarelli, Meire Bastos, Ned Hilton N. Chaves, Neiva A. Albres, Nelly Luzio, Nelva L. Sari, Neuza F. Alves, Nilda da Costa, Nilza H. Sano, Noir Aranha, Osvaldo C. Paiva, Padre Morales, Patricia S. Sampaio, Pedrinha Coutinho, Raquel M. Gomes, Regiane Bergamo da Silva, Rejane L. Leonardo, Rejany de Souza, Renato Branco, Ricardo Borges Rocha, Rita Luciana Domingues, Ronaldo F. Silva, Rodrigo Malta, Ronise C. Oliveira, Rosa Mônica Lopes, Roseli Myahira, Rosely Gayoso, Rosilane Gamarra Arguellho, Rosilene Trindade Prates, Ruth Rodrigues da Rocha, Ruthénio M. Barros, Sandra M. Fernandes, Sara da Silva, Selma Alves de Lima Thomaz, Simone Paim dos Santos, Sofia Santana, Sueli Roman, Suely C. Rodrigues, Tadia W. Asen, Tânia Garib, Tânia Regina dos Santos, Maria Teresa da Costa, Valdete B. Martins, Valéria Carvalho (in memorian), Valéria R. Mendes, Wagner M. Bispo, Wilma Ferreira, Zanúbia Dada, Zarif da Silva Abes, Zilda Mattos, Zuleide F. Barbosa

Agradeço a Maria Raquel Dell Valle, pela sua sensibilidade junto a Comunidade Surda, acreditando e oportunizando a Língua de Sinais estar presente no CEADA durante sua gestão como diretora.

Agradeço a Maria Eutília Marçal dos Reis e Fabiana Maria das Graças de Oliveira, por terem acreditado quanto profissional surda eu poderia atuar como diretora do CEADA, participando ativamente na elaboração da proposta para a direção.

Agradeço a Selma Alves Lima Thomaz por ser uma competente administradora escolar e por sua incansável dedicação, liderança e iniciativa, sabendo que muitas vezes sobrecarreguei-a durante a minha gestão escolar.

Agradeço a Cristiane Albres pela criatividade e sugestões em meus projetos, apresentações e o título deste livro.

Agradeço a Eliana da Silva, por seu incomum nível de dedicação a este livro.

Agradeço a equipe da Editora Arara Azul (Cátia Cristina Silva, Clélia Regina Ramos e René José da Silva) pelo incentivo e empenho para que essa obra fosse colocada ao grande público de uma forma acessível com apoio da IBM.

Copyright © 2004
EDITORA ARARA AZUL LTDA.

Produção editorial
CLÉLIA REGINA RAMOS

Assistente de produção
CATIA CRISTINA SILVA

Revisão
CLÉLIA REGINA RAMOS

Projeto gráfico e capa
FATIMA AGRA

Diagramação
FA EDITORAÇÃO

Endereço para correspondência
EDITORA ARARA AZUL
Rua das Acácias 20 - Condomínio Vale da União
Araras – Petrópolis – Rio de Janeiro
Cep 25725-020
Telefax: (24) 2225-1947
e-mail: editorarararazul@uol.com.br
editora@uninet.com.br
site: www.editora-arara-azul.com.br

Apoio: IBM DO BRASIL

